



## **MENSAGEM DE SUA SANTIDADE O PAPA LEÃO XIV AOS PARTICIPANTES DA SEGUNDA CONFERÊNCIA ANUAL SOBRE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL, ÉTICA E GOVERNANÇA CORPORATIVA**

[Palazzo Piacentini (na via Veneto, casa do Mimit) e na Sala Regia do Palácio Apostólico no Vaticano, 19-20 de junho de 2025]

---

Por ocasião desta Segunda Conferência Anual de Roma sobre Inteligência Artificial, expresso meus sinceros votos de felicidades a todos os participantes. A presença de vocês atesta a necessidade urgente de uma reflexão profunda e de um debate contínuo sobre a dimensão inerentemente ética da inteligência artificial, bem como sobre sua gestão responsável. Nesse sentido, congratulo-me com o fato de o segundo dia da Conferência estar ocorrendo no Palácio Apostólico, um sinal claro do desejo da Igreja de participar desses debates que dizem respeito diretamente ao presente e ao futuro da nossa família humana.

Juntamente com seu extraordinário potencial para beneficiar a família humana, o rápido desenvolvimento da inteligência artificial também levanta questões mais profundas sobre o uso apropriado dessa tecnologia na geração de uma sociedade global mais genuinamente justa e humana. Nesse sentido, embora seja, sem dúvida, um produto excepcional do gênio humano, a inteligência artificial é "antes de tudo, uma ferramenta" (Papa Francisco, Discurso na Sessão do G7 sobre Inteligência Artificial, 14 de junho de 2024). Por definição, as ferramentas remontam à inteligência humana que as produziu e extraem grande parte de sua força ética das intenções das pessoas que as utilizam. Em alguns casos, a inteligência artificial tem sido usada de maneiras positivas e até nobres para promover maior igualdade, mas também existe o potencial de ser mal utilizada para ganho egoísta às custas de outros ou, pior ainda, para fomentar conflitos e agressões.

Por sua vez, a Igreja deseja contribuir para um debate sereno e informado sobre estas questões prementes, sublinhando, em primeiro lugar, a necessidade de avaliar as ramificações da inteligência artificial à luz do "desenvolvimento integral da pessoa e da sociedade" (Nota Antiqua et Nova, n. 6). Isto significa ter em conta o bem-estar da pessoa humana não só do ponto de vista material, mas também intelectual e espiritual; significa salvaguardar a dignidade inviolável de cada pessoa humana e respeitar a riqueza e a diversidade cultural e espiritual dos povos do mundo. Em essência, é necessário avaliar os benefícios e os riscos da inteligência artificial precisamente segundo este critério ético superior.

Infelizmente, como o falecido Papa Francisco apontou, nossas sociedades hoje estão experimentando uma certa "perda ou pelo menos um eclipse do senso do humano", e isso, por sua vez, desafia todos nós a refletir mais profundamente sobre a verdadeira natureza e singularidade de nossa dignidade humana comum (Discurso na Sessão do G7 sobre Inteligência Artificial, 14 de junho de 2024). A inteligência artificial, especialmente a inteligência generativa, abriu novos horizontes em muitos níveis diferentes, incluindo a melhoria da pesquisa em saúde e das descobertas científicas, mas também levanta questões preocupantes sobre suas possíveis repercussões na abertura da humanidade à verdade e à beleza, em nossa capacidade particular de compreender e processar a realidade. Reconhecer e respeitar o que é único na pessoa humana é essencial para o debate sobre qualquer estrutura ética apropriada para a gestão da inteligência artificial.

Estou certo de que todos nós estamos preocupados com as crianças e os jovens e com as possíveis consequências do uso da inteligência artificial no seu desenvolvimento intelectual e neurológico. Os nossos jovens devem ser ajudados, e não impedidos, no seu caminho rumo à maturidade e à responsabilidade autêntica. Eles são a nossa esperança para o futuro, e o bem-estar da sociedade depende de lhes ser dada a capacidade de desenvolver os dons e as capacidades que Deus lhes deu e de responder às exigências dos

tempos e às necessidades dos outros com um espírito livre e generoso. Nenhuma geração teve acesso tão rápido à quantidade de informação agora disponível graças à inteligência artificial. Mas, mais uma vez, o acesso aos dados — por mais vasto que seja — não deve ser confundido com a inteligência, que necessariamente «implica a abertura da pessoa às questões últimas da vida e reflete uma orientação para o Verdadeiro e o Bem» ( *Antiqua et Nova* , n. 29). Em última análise, a verdadeira sabedoria tem mais a ver com o reconhecimento do verdadeiro sentido da vida do que com a disponibilidade de dados. À luz disto, caros amigos, expresso a minha esperança de que as vossas deliberações examinem também a inteligência artificial no contexto da necessária aprendizagem intergeracional que permitirá aos jovens integrar a verdade na sua vida moral e espiritual, influenciando assim as suas decisões maduras e abrindo caminho para um mundo de maior solidariedade e unidade (cf. *ibid* ., n. 28). A tarefa que vos aguarda não é simples, mas é de vital importância. Agradecendo-vos o vosso compromisso presente e futuro, invoco cordialmente sobre vós e as vossas famílias as bênçãos divinas da sabedoria, da alegria e da paz.

Do Vaticano, 17 de junho de 2025.

LEÃO PP. XIV

---

L'Osservatore Romano , Ano CLXV n. 141, sexta-feira, 20 de junho de 2025, p. 4.